

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Clarissa Pereira e Pádua

VERDADES SOBRE A MENTIRA:
um estudo sobre a mentira na sociedade contemporânea.

Rio de Janeiro

2010

Clarissa Pereira e Pádua

VERDADES SOBRE A MENTIRA:
um estudo sobre a mentira na sociedade contemporânea.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para a aprovação no curso técnico em nível médio na habilitação de Laboratório de Bodiagnóstico em Saúde.

Orientador: Marco Aurélio Soares Jorge

Rio de Janeiro

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

Clarissa Pereira e Pádua

VERDADES SOBRE A MENTIRA:
um estudo sobre a mentira na sociedade contemporânea.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para a aprovação no curso técnico em nível médio na habilitação de Laboratório de Biotecnologia em Saúde.

Aprovado em 13/12/2010

BANCA EXAMINADORA

(Prof. Dr. Marco Aurélio Soares Jorge - LABORAT / EPSJV / FIOCRUZ)

(Profa. Dra. Nina Isabel Soalheiro dos Santos Prata - LABORAT / EPSJV / FIOCRUZ)

(Profa. Ms Melissa Marsden)

*Dedico este trabalho
à minha querida mãe, Angela,
alicerce da minha existência.*

AGRADECIMENTOS

À amada e odiada Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio que me deu lágrimas e imensos sorrisos durante esses três anos, por abrir uma brecha para que estudantes de nível médio possam pensar criticamente e enxergar contradições.

Aos professores, aos funcionários e à direção da escola que souberam ser nossos amigos e nossos carrascos. Seus conselhos, mesmo que muitas vezes ignorados, me mostram o quanto querem que sejamos completos, não só como alunos, mas como cidadãos.

Ao meu orientador, Marco Aurélio, que fez com que eu me sentisse capaz de escrever e soube ser paciente com a irresponsabilidade típica de uma adolescente. Agradeço pela dedicação, pelo bom humor de todas as reuniões, pelos conselhos e histórias.

Aos profissionais entrevistados que disponibilizaram seu tempo e sabedoria para me ajudar a enriquecer esta pesquisa.

À minha família que sempre acreditou em mim, mesmo quando nem eu acreditava. Não sei o que seria de mim sem esse apoio e confiança. Agradeço especialmente à minha mãe que fazia questão de me ajudar neste trabalho e com gestos simples, como ficar acordada durante a noite enquanto eu escrevia, me deu forças para continuar.

Aos meus amigos, Guilherme, Renata, Igor, Larissa, Mayara, Mariana, João, Maria Paula, Lucas, Victor e Gabriel, que de diferentes formas me lembram todos os dias que há sempre um motivo pelo qual vale a pena rir. Cada conversa, cada festa, cada foto, cada “montinho” me fez descobrir como eu tenho prazer em ser eu mesma e acima de tudo estar com vocês.

*“Devem exigir que eu procure a verdade, não
que a encontre.”
(Diderot)*

RESUMO

Esta monografia aprofunda na compreensão da importância dos diferentes níveis de mentira na sociedade e em certos segmentos desta. Para embasar essa reflexão houve um estudo bibliográfico sobre o conceito de mentira, e esta foi separada em dois níveis, o nível esporádico e o nível patológico. A discussão sobre a relevância do tema foi feita a partir de um Trabalho de Campo que contou com entrevistas de três profissionais das áreas da Ciência, Educação e Saúde, que discutiram o ato de mentir. A articulação e a comparação das entrevistas, juntamente com o referencial teórico do trabalho, possibilitaram uma avaliação não só da mentira patológica e esporádica, mas também de outras problemáticas como o uso da mentira para o bem, a credibilidade das áreas do conhecimento, a projeção de uma sociedade sem mentiras etc. Este trabalho também contemplou uma discussão sobre a existência ou não de uma verdade absoluta, chegando a conclusão que a verdade se dá a partir do contexto, o que possibilita a construção indeterminada do conhecimento. A reflexão mais marcante desta pesquisa diz respeito à necessidade de se mentir na sociedade atual, a qual emprega diversas pressões aos indivíduos que precisam usar a mentira como forma de adequação social.

Palavras-Chave: Mentira. Mitomania. Verdade. Sociedade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL	10
2.1 CONCEITOS.....	10
2.1.1 Mentira.....	10
2.1.2 Mentira Patológica.....	11
2.1.3 Mentira Esporádica.....	12
2.1.4 Autoengano.....	13
2.1.5 Fabulação.....	14
2.1.6 Simulação.....	14
3 IMPORTÂNCIA DA MENTIRA NA SOCIEDADE	17
3.1 METODOLOGIA.....	17
3.2 ESCOLHA DO ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	18
3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	19
3.3.1 Definição das mentiras.....	20
3.3.2 Considerações sobre a sociedade.....	21
3.3.3 Construção da verdade na sociedade.....	24
3.3.4 Causas da mentira.....	25
3.3.5 Mentira usada para o bem.....	27
3.3.6 Avaliação do bom mentiroso.....	27
3.3.7 Níveis do uso da mentira.....	29
3.3.8 Implicações da descoberta da mentira.....	30
3.3.9 Facilidades sociais e financeiras.....	31
3.3.10 Credibilidade das áreas do conhecimento.....	32
3.3.11 Áreas com mais mentiras.....	33
3.3.12 Possibilidade de uma área sem mentiras.....	34
3.3.13 Opinião sobre a mentira patológica.....	35
3.3.14 Opinião sobre a simulação.....	36
3.3.15 Opinião sobre a fabulação.....	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	42

1 INTRODUÇÃO

Não há como pensar a mentira sem pensar nos seres humanos, assim como não se pode separar os humanos da mentira. Este entrelaçamento tem referências em diferentes épocas e obras da humanidade. Um exemplo da antiguidade e da importância desta relação pode ser encontrado no oitavo dos Dez Mandamentos da Lei de Deus, que diz “Não levantarás falso testemunho”. (BIBLIA ONLINE, [2010]). Isso mostra que um dos escritos mais relevantes das religiões judaico-cristãs, já fazia alusão à mentira, ou seja, desde muito tempo as pessoas recebem ensinamentos sobre a mentira, mesmo que sejam para repreendê-las.

Existem inúmeras obras conhecidas e influentes que falam sobre mentiras e mentirosos, desde o livro infantil Pinocchio até o filme O Mentiroso estrelado por Jim Carrey. Essas e outras produções falam da incorporação da mentira em nosso cotidiano, e na maioria das vezes servem como agentes educadores que tentam explicitar o quanto é errado mentir. Esses mecanismos podem até funcionar em certo ponto, porém, a mentira continua sendo muito utilizada.

Uma questão chave deste assunto é entender o que motiva as pessoas a mentir, mesmo sabendo que este comportamento é moralmente errado. Na verdade, trata-se de uma busca por caminhos mais fáceis que muitas vezes a sinceridade não proporciona, já que é aparentemente mais fácil mentir do que encarar um castigo ou um constrangimento. Desta forma, mesmo se a pessoa receber lições sobre a imoralidade da mentira desde a infância, isso acaba tendo menos peso que as dificuldades a se superar todos os dias.

Assim como recebemos estímulos para não mentir, ocasionalmente nos encontramos em situações em que aparentemente só a mentira pode nos esquivar de uma consequência indesejada, que pode ser um constrangimento, um castigo, uma repreensão etc. Nessas situações, enxergamos a mentira como uma via de escape de uma situação que não víamos melhor saída, e é exatamente essa imagem de facilidade que a mentira incorpora para as ocasiões de impasse que promovem o seu uso.

Muitos conhecem a mentira como harmonizadora de relações, mas a faceta mais extrema desta não é suficientemente abordada, que é exatamente a forma patológica e compulsiva de mentir. As sombras que encobrem a mentira patológica impedem o reconhecimento e a diferenciação desta com a mentira esporádica.

Essa obscuridade acerca do tema é formada pela falta de discussão e entendimento profundo, pois as pessoas falam mentiras, mas não costumam falar sobre as mentiras. Isso

pode acontecer por dois motivos: Porque existe uma resistência de caráter moral e ético que impede a discussão deste tema, já que revelar o que está por traz das mentiras pode desestabilizar a comodidade em que as pessoas que mentem se encontram, e conseqüentemente causar constrangimentos e desconforto; ou porque a mentira é uma ferramenta tão banalizada que passa a falsa impressão de que esta não precise ser debatida, como se já fosse tão explorada que não houvesse mais nada para ser falado sobre ela. Seja qual for o motivo que impulsiona a obscuridade acerca deste tema, é preciso enfrentar a situação combatendo o paradoxo do uso da mentira e do desuso de discussão sobre a sua importância.

A mentira é importante porque está presente ativamente em nossas vidas, pois se trata de um mecanismo criado pelo homem para o homem, que influi diretamente no âmbito familiar, profissional e em qualquer situação que haja relações entre pessoas. Já a relevância do estudo da mentira está no fato da mentira estar presente em todas as classes sociais, faixas etárias e lugares, e por isso existe uma tendência à falta de atenção para aqueles que abusam dessa ferramenta. Esse é o caso dos mitômanos, que são portadores de um transtorno, que precisa ser reconhecido como tal, e que requer acompanhamento profissional e tratamento.

Entender a relação entre a mentira e a sociedade é fundamental para começar a entender a própria sociedade na qual estamos imersos. Não vivemos sozinhos no mundo. Nós vivemos em sociedade, nos relacionando, e nossas ações são baseadas nessas vivências. Não mentimos porque simplesmente sentimos vontade, mas porque as pressões e conflitos dessas relações nos levam a isso. Portanto, ao estudar a mentira é necessário tratar dessas relações e da sociedade como um todo, pois estas são as responsáveis por forjar nossos comportamentos.

O meu interesse pelo tema se deu quando me conscientizei da incorporação da mentira em nossas vidas, e de como ela, sorrateiramente, vai ocupando espaço em nossas ações e relacionamentos. Digo que essa dominação da mentira é sorrateira porque, de uma maneira silenciosa, cada mentira contada estimula a próxima e, sem perceber, o indivíduo pode passar a ser refém de suas próprias inverdades. Muitas dessas mentiras passam em branco, pois não causam modificações drásticas ou não são notadas pelos outros, porém, uma parcela das mentiras é responsável pela mudança na história de pessoas e lugares, e é exatamente essa capacidade que a mentira tem de mudar o curso das histórias que me fascina.

Minha hipótese é a de que as mentiras causam impactos na vida das pessoas, e essas conseqüências é que as tornam bastante importantes. Neste estudo qualitativo, eu analisarei, a partir do aprofundamento na compreensão do conceito de mentira, a sua importância e impactos em diferentes segmentos da sociedade.

2 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

Cada sociedade possui sua cultura e seus princípios, de forma que esses precisam ser levados em consideração quando se faz um estudo comportamental deste grupo. A existência destas especificidades indica que não se podem buscar conceitos que generalizariam o comportamento de todas as sociedades, pois seria um gesto muito equivocado. Por esse motivo, a sociedade a qual eu me refiro, é a que não aceita nem condena as mentiras, mas que simplesmente as tolera, pois são componentes importantes para a manutenção das relações atuais. Essa característica estrutural da mentira na civilização que conhecemos não quer dizer que os seres humanos não possam deixar de mentir, mas que a lógica que rege as relações sociais são baseadas, por vezes, em elementos como a mentira.

A diferença entre a classificação dos graus de mentira está relacionada diretamente com o nível de tolerância da sociedade em questão. Cada sociedade, de acordo com suas particularidades, moldará qual será a gravidade dos diferentes tipos de mentira, assim como a definição de todas as formas nas quais ela pode se apresentar.

Para proporcionar a compreensão completa sobre o tema, certos termos merecem ser fundamentados neste trabalho. Normalmente, essas definições são baseadas em um autor de referência, porém não foi encontrada nenhuma publicação que tivesse como objetivos uma sistematização completa do tema. Frente a essa limitação, a classificação dos termos neste trabalho foi feita a partir de contribuições das obras de vários autores que compartilham comigo a visão sobre vários aspectos. Portanto as definições aqui estabelecidas são oriundas de diferentes trabalhos, mas que preservam a mesma opinião sobre a mentira.

2.1 CONCEITOS

2.1.1 Mentira

Segundo a definição dicionarizada, a mentira é uma “afirmação contrária à verdade que causa um engano proposital” (MICHAELIS, 1998, p. 1356).

A mentira é um mecanismo fundamental para o funcionamento da lógica da sociedade civilizada. Mentir funciona como uma resposta às pressões dessa sociedade e como um importante agente harmonizador das relações sociais, de forma que evita tensões, constrangimentos e decepções, facilitando certas situações. Assim como pode ser contada para outrem, ela pode ser contada para si mesmo como uma forma de defesa e auto-aceitação.

Além deste caráter apaziguador que a mentira assume, ela também funciona como um meio para alcançar algum objetivo e uma ferramenta de ascensão do indivíduo ou do grupo em que este se inclui.

Independente da motivação para o uso da mentira, ela vai sempre ser deletéria do ponto de vista social, pois promove alienação e sofrimento. O mais óbvio é que se pense que este sofrimento seja sempre para quem acredita, mas para quem diz também há sofrimento. Ao mentir a pessoa oculta sua vontade, sua percepção, seus sentimentos, para se enquadrar em uma situação. Portanto, ao deixar de ser ou fazer aquilo que poderia, o indivíduo oculta sua própria personalidade, tendo sempre que parecer algo que não é, o que causa sofrimento, mesmo que inconscientemente.

Definir o que é certo e o que está errado quando se trata de mentira é complexo, pois esta pelo senso comum está intimamente ligada ao caráter. Logo, se alguém é surpreendido em sua mentira tem sua credibilidade comprometida. Porém, às vezes dizer a verdade pode ser bastante comprometedor, já que normalmente pessoas muito sinceras são consideradas cruéis.

Os tipos de mentira serão englobados neste trabalho em dois grandes grupos: a mentira patológica e a mentira esporádica. Como se trata de uma faceta complexa do comportamento humano é difícil classificar os diferentes graus de mentira, pois cada indivíduo possui a sua especificidade, sua própria conduta. Por esse motivo, as variáveis que serão levadas em consideração para uma posterior classificação serão: a incidência com que se mente, a motivação que impulsiona a mentira e a consequência da situação mentirosa.

2.1.2 Mentira Patológica

Conceitualiza-se pelo desequilíbrio psíquico caracterizado por tendência para a mentira, a fabulação e a simulação (MICHAELIS, 1998). Neste trabalho, o conceito de mentira patológica será tratado analogamente à idéia de mitomania e de mentira compulsiva, por ambos serem considerados como a mesma patologia psiquiátrica. É importante a compreensão da mitomania como uma doença séria que precisa de tratamento e acompanhamento por profissionais da saúde mental.

Os mitômanos são indivíduos portadores de um transtorno de personalidade, que mentem habitualmente e com a naturalidade de quem diz a verdade, tentando, a todo momento, adaptar suas fantasias à sua realidade. Eles criam uma personagem para cada situação de uma maneira tão casual, espontânea e relaxada que as pessoas quase sempre

creem na sua história. Aqueles que mentem de forma compulsiva têm plena consciência dos seus atos, apesar de muitas vezes a mentira ser um mecanismo tão banalizado em sua vida que este se torna involuntário, como se fosse um impulso incontrolável (TEIXEIRA, 2007).

Para o mitômano a mentira faz parte de sua estrutura e é seu elemento de desejo, pois confere a ele próprio um certo equilíbrio interior e auto-aceitação, já que ele tem a necessidade de se sentir melhor que os outros, pois ele comumente se percebe em situação de inferioridade. Portanto, o auto-engano é uma característica marcante, já que ele mente para aumentar sua auto-estima, mas acaba se sentindo cada vez pior e com necessidade de mentir cada vez mais, criando um ciclo de mentiras sucessivas (TEIXEIRA, 2007).

Para Teixeira (2007), o mitômano se difere dos outros tipos de mentirosos, principalmente por muitas vezes não se importar com as consequências que suas mentiras possam causar. Geralmente, ele simplesmente quer tirar vantagem de uma situação, sem se comover ou até sem perceber um possível dano que possa acarretar, já que para ele sua autopreservação é mais importante. Deste modo, a amoralidade é uma característica presente no perfil de um mentiroso patológico.

Partindo do pressuposto que as compulsões em geral se baseiam em uma fuga diante das dificuldades, a mentira está presente em todos os outros tipos de compulsão, pois as pessoas acabam mentindo tanto para os outros quanto para si mesmo ao fantasiar que algum tipo de vício pode resultar na resolução de seus problemas. Assim como as diferentes compulsões que acompanham a mentira patológica, o mitômano apresenta uma série de comportamentos característicos, mesmo que em diferentes níveis, como: baixa auto-estima, dependência emocional, alto poder de raciocínio e desvio de caráter e da moral (MATHIESEN et al, 2005).

2.1.3 Mentira Esporádica

Este tipo de mentira é assim classificado por ser uma ferramenta eventual e por não ser completamente necessária na vida do indivíduo, ou seja, ele se enquadra dentro de um nível tolerável e é aplicado ocasionalmente pela pessoa (TEIXEIRA, 2007).

As mentiras esporádicas podem ser entendidas como as mentiras tradicionais que são usadas no dia-a-dia, em circunstâncias diversas. Não há como negar a importância dessas mentiras em nossas vidas, já que ela é uma resposta natural a uma situação de impasse.

É o tipo mais comum de mentira, exatamente por abranger desde os casos mais corriqueiros e inocentes, até os mais comprometedores e elaborados. Estes dois casos têm

características em comum, como a moderação ao mentir e pela preocupação com o eventual prejuízo que esta pode causar.

Não existe um número de mentiras exato que separe os mitômanos dos mentirosos esporádicos. Porém, há a ideia da moderação da mentira, que apesar de ser muito subjetivo, pode diferenciar os dois tipos. Por exemplo, há a diferenciação entre aqueles que mentem em certas situações apenas para facilitar alguns aspectos de sua vida (mentira esporádica), e aqueles que mentem quase o tempo todo para facilitar ou fantasiar suas vidas (mitomania). Outra característica da mentira esporádica, é que, normalmente, não há a intenção de prejudicar alguém, existe apenas a opção de contornar uma situação para obter algum benefício, ou para se preservar ou preservar outra pessoa.

O auto-engano também pode fazer parte do perfil da mentira eventual, pois é possível que nestes indivíduos haja a tendência ao desenvolvimento desta autopreservação, pois este artifício é quase que involuntário e por isso é difícil simplesmente contê-lo (GIANNETTI, 2005).

2.1.4 Autoengano

Trata-se da mentira que o indivíduo conta para si mesmo a fim de diminuir algum sofrimento que a verdade lhe causaria. O autoengano funciona como um mecanismo de defesa e que faz com que a pessoa se relacione melhor com fracassos e frustrações, por contar a si mesmo a versão da história que gostaria que fosse verdade (GIANNETTI, 2005).

Ele está presente em ambos os tipos de mentira por ser um comportamento quase que involuntário, pois ao formular a mentira a pessoa já estaria se enganando. Em um nível esporádico ele funciona como uma ferramenta de defesa, que em algumas situações do dia-a-dia acaba servindo de desculpa para uma eventual falha. Por exemplo, em uma prova você não obtém o conceito esperado e coloca a culpa em uma dor de cabeça fictícia que serve de consolo para esta frustração. Esta desculpa não precisa ser compartilhada para assumir uma postura de auto-engano, pois o simples fato de querer acreditar nela já emprega a ela este significado.

Um exemplo muito conhecido deste comportamento pode ser encontrado na fábula da raposa e das uvas, em que a raposa tenta alcançar as uvas em uma videira, mas como não consegue pegá-las, então, passa a desprezar as uvas dizendo que só não as comeu porque não eram boas o suficiente. Nesta fábula a raposa se comportou como qualquer pessoa que

procura na mentira uma forma de sustentar sua vaidade, mentindo para esconder um fracasso aparente.

No caso de um mitômano a mesma característica presente na mentira por autopreservação se alia à necessidade de engrandecer seu ego e à obsessão pela sua própria versão de determinada história. O indivíduo acaba rejeitando a realidade, pois a sua ficção é mais interessante que a verdade. Neste caso, existe a necessidade de um suposto conforto interior que normalmente não é alcançado, já que mentir para si mesmo uma só vez não é suficiente, é preciso reafirmar constantemente a mentira. O auto-engano é tão persuasivo nesses casos, que se a realidade não ajustar-se a ele, a realidade é que se torna a versão errada (GIANNETTI, 2005).

2.1.5 Fabulação

A fabulação é um transtorno que faz parte do quadro de megalomania. O indivíduo expõe uma história fantasiosa como se esta fosse verdade, onde ele narra situações, muitas vezes improváveis, que exaltem seus grandes feitos, suas valiosas qualidades, sua força física, sua riqueza, sua inteligência, enfim, que o coloquem em uma posição de destaque (TEIXEIRA, 2007).

Esta tendência à grandeza, na verdade seria um reflexo de sentimentos de inferioridade, que faz com que a pessoa tenha que ser constantemente o centro das atenções, que ela sempre tenha uma história incrível para contar, que seus feitos sejam sempre melhores que os das outras pessoas (TEIXEIRA, 2007).

Geralmente, o fabulador não mente por querer fazer mal a alguém, e por vezes nem tem a intenção de mentir. A questão é que mentir faz parte de impulso irresistível, uma oportunidade de se exhibir. Entretanto, esse excesso de histórias mirabolantes, desperta a desconfiança dos ouvintes e o fabulador acaba perdendo credibilidade, podendo ser conhecido como o contador de histórias (TEIXEIRA, 2007).

2.1.6 Simulação

A simulação é a tendência de um indivíduo para imitar um certo tipo ou modelo de comportamento, para que com isso ele obtenha os benefícios que a sociedade ou a lei destina àqueles com o perfil que ele está representando (CAVALCANTE, 2000). Ao simular uma

doença, o indivíduo cria, exagera ou prolonga uma manifestação somática ou psicológica, com fins utilitários.

A maioria dos transtornos simulados corresponde àqueles com sintomas subjetivos, como as dores em geral, que são difíceis de serem refutados. Existem também casos em que são simuladas doenças que são facilmente diagnosticadas, e nestas situações o diagnóstico é forjado, como no caso em que se usa o laudo de um doente para comprovar sua doença (CAVALCANTE, 2000).

A simulação pode ser usada em casos mais brandos, como quando um jovem dissimula uma doença para não ir à escola, até mais comprometedores quando se finge ter um distúrbio mental para fugir de uma punição judicial. A simulação de um distúrbio pode ser usada também para fugir de serviço militar, abonar uma falta no trabalho, se aposentar por esta doença, enfim, existe uma infinidade de motivos para simular uma perturbação. Como existem diferentes níveis de simulação, estes são classificados em mentiras esporádicas ou patológicas de acordo com incidência da mentira e sua gravidade.

O simulador possui uma intenção ao mentir, ou seja, ele tem plena consciência de suas ações. Isso difere a simulação de distúrbios somatoformes e dissociativos, os quais têm a característica dos indivíduos produzirem os sintomas sem intenção consciente. Porém, não se pode confundir a simulação com os distúrbios factícios pelo fato de nos dois casos a produção de sintomas ser intencional. Ao tomar como exemplo dos distúrbios factícios a Síndrome de Munchausen, podemos observar que mesmo havendo a intenção consciente como na simulação, os objetivos são muito diferentes, pois nesta síndrome não há uma vantagem óbvia e sim uma necessidade de obter ou prestar cuidados médicos (OLIVEIRA, 2008).

Alguns transtornos podem ser confundidos com casos patológicos de simulação. São exemplos desses casos os distúrbios de conversão (transtorno dissociativo) e somatização (transtorno somatoforme) e algumas de suas características em comum são: os sintomas físicos podem acometer um ou mais sistemas orgânicos, de forma não intencional; as queixas são subjetivas e os exames diagnósticos não conseguem encontrar uma causa física para o problema; existem correlações do desenvolvimento dos sintomas e tensões psicossociais.

A conversão consiste na transposição de um conflito psíquico em sintomas físicos. Normalmente, é afetado o sistema neuromuscular voluntário, causando paralisias, ou o sistema sensorio-perceptivo, causando cegueira, afonia ou anestesia. Em geral, os sintomas iniciais aparecem após uma experiência estressante, de forma que a perda da função pode simbolizar um conflito relacionado a ela (BOMBANA, 2000).

A somatização é caracterizada por múltiplas queixas físicas referentes a vários sistemas orgânicos, de forma que os diversos sintomas se mantêm em constante mutação. Para esses indivíduos, a preocupação com terapias médicas e cirúrgicas se sobrepõe às suas outras atividades. As queixas mais comuns estão relacionadas ao tubo digestivo (vômitos, náuseas, dores), e também são freqüentes as queixas dermatológicas e sexuais. Esses sintomas são um reflexo da maneira inadapta da em que o indivíduo enfrenta certas situações com uma reação do sistema orgânico específico. Outros distúrbios psiquiátricos como depressão, síndrome do pânico e ansiedade estão frequentemente associados, e são importantes para o diagnóstico diferencial (MAROT, 2004).

3 IMPORTÂNCIA DA MENTIRA NA SOCIEDADE

Segundo Oscar Wilde apud Semiro (2003, p. 73), “o mentiroso pretende simplesmente encantar, deleitar, dar prazer. É a própria base da sociedade civilizada”. É a partir desse pensamento que começo minha reflexão sobre a importância da mentira na construção e manutenção das relações sociais. Se a mentira não tivesse efeito, não teria porque usá-la, mas é exatamente a sua capacidade de modificar histórias conforme o desejo e a necessidade que seduz aquele que a emprega.

Toda mentira causa impacto nas relações sociais, desde as mais inocentes até as elaboradas. Esse impacto pode ser direto, como no caso em que um político mente para conseguir aumentar seu número de votos, ou indireto, quando se trata de uma mentira íntima, como o auto-engano, que causa na pessoa uma mudança que se reproduz para o meio em que ela vive.

Se a mentira é ou não a base da sociedade civilizada, não importa. O importante é entender seus méritos quando o assunto é modificar os caminhos. Neste trabalho, estudarei diferentes segmentos da sociedade que podem ter tido seus caminhos modificados pela mentira.

3.1 METODOLOGIA

Para colocar em discussão a importância da mentira em determinados campos da sociedade foi realizado um Trabalho de Campo com o intuito de enriquecer o material de discussão acerca do tema.

Inicialmente, planejei entrevistar profissionais inseridos nas áreas da Política, Ciência, Saúde e Educação, de forma que estes relatariam sobre a utilização da mentira em seus campos de atuação. Esses campos foram escolhidos por serem as principais grandes áreas do pensamento humano. Porém, infelizmente, a entrevista sobre a Política não foi possível ser realizada, pois após várias tentativas de contatar o profissional, este se mostrou sem tempo hábil para me conceder a entrevista. Como a mentira é um assunto muito delicado, especialmente na área da Política, houve a impossibilidade de encontrar outro profissional disposto, ainda mais em período eleitoral. Portanto, para não atrasar o andamento da análise das demais entrevistas feitas, e conseqüentemente o andamento global do trabalho, resolvi abdicar deste material.

Para as demais áreas escolhidas - Ciência, Saúde e Educação - as entrevistas foram feitas conforme o planejado. Um profissional de cada área foi entrevistado em seu local de trabalho a partir de um roteiro previamente formulado com o intuito de organizar a entrevista e provocar a discussão da mentira em sua realidade profissional. Os entrevistados foram indicados pelo orientador da pesquisa por serem aptos para falar do assunto e se mostrarem disponíveis. O anonimato dos entrevistados foi preservado, para permitir maior liberdade nos relatos, evitando possíveis constrangimentos posteriores, dentro de uma postura ética na entrevista.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. O material final foi enviado ao entrevistado para que o mesmo revisasse-o e autorizasse sua utilização no trabalho. Após esses procedimentos, foi feita a análise do material, em que as experiências dos profissionais foram relacionadas aos conceitos definidos neste mesmo trabalho. Na verdade, com a realização destas entrevistas, tive a oportunidade de articular os conceitos teóricos formulados em um primeiro momento do trabalho com as vivências acerca da mentira relatadas pelos entrevistados. Dessa forma, as entrevistas serviram para aprofundar o estudo e as reflexões acerca do uso da mentira nos diversos campos da vida humana, sua utilização como artifício de manutenção das relações ou em casos mais extremos chegando à sua consideração como patologia.

3.2 ESCOLHA DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

As perguntas feitas nas entrevistas foram formuladas para contemplar desde as questões mais gerais sobre a mentira, até as mais específicas de cada área de atuação. Para isso, as perguntas foram agrupadas em três grupos de temas.

No primeiro grupo foram feitas perguntas sobre a mentira de uma maneira bastante generalizada, exatamente para poder supor qual a visão que o entrevistado tinha sobre a mentira. Este primeiro bloco nos dá a possibilidade de traçar o perfil do entrevistado e de avaliar o posicionamento dele sobre a mentira de maneira impessoal, sem gerar constrangimentos.

O segundo grupo é constituído por perguntas específicas sobre a mentira nas áreas de atuação dos entrevistados. Algumas das perguntas desta etapa são muito parecidas com as da primeira e isso possibilita uma comparação entre a percepção do entrevistado em um nível mais geral, tendo em vista o social, e em um nível mais específico, que corresponde à sua profissão. Para título de comparação entre os materiais obtidos nas entrevistas foi aplicado o

mesmo questionário para os três entrevistados, de forma que as perguntas foram feitas para se adequar a todos os campos estudados.

O terceiro grupo traz perguntas relativas aos níveis de mentira nos campos de atuação. Estes níveis foram estudados no Capítulo 2 desta pesquisa, e este espaço na entrevista, com o foco nos mesmos, funciona relacionando o conteúdo teórico e prático do trabalho. Aos entrevistados foram explicados os conceitos de mentira patológica, mentira esporádica, fabulação, e simulação, mas eles tinham a liberdade de responder a partir de suas próprias convicções sobre esses conceitos. Nesta etapa, novamente é encontrada uma pergunta semelhante a do primeiro bloco, e esta tem o intuito de, mais uma vez, relacionar o social ao profissional.

3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A fim de facilitar a compreensão do conteúdo das entrevistas, torna-se necessário conhecer basicamente o perfil dos entrevistados. O profissional da Ciência é um paleontólogo bastante objetivo em suas respostas; o profissional da Saúde é um psiquiatra que analisa as questões sob uma visão filosófica; o profissional da Educação é um historiador que avalia o tema sob um ponto de vista social. Como é notório, os entrevistados compõem um grupo bastante heterogêneo, de forma que cada um possui singularidades bem demarcadas, tanto na forma de responder as perguntas, quanto na sua percepção de mundo, de uma forma geral e em relação às mentiras.

Os entrevistados serão identificados ao longo do texto da seguinte forma: O profissional da Ciência será tratado como “cientista”; o profissional da Saúde será tratado como “médico”; e o profissional da Educação será tratado como “educador”.

No conteúdo das entrevistas percebe-se a presença de alguns assuntos recorrentes nas opiniões dos entrevistados. Essas percepções foram agrupadas e resultaram nos seguintes temas: definição das mentiras, sociedade, construção da verdade, causas da mentira, uso da mentira para o bem, avaliação do bom mentiroso, níveis do uso da mentira, implicações da descoberta da mentira, facilidades sociais e financeiras, credibilidade das áreas do conhecimento, área com mais mentiras, possibilidade de uma área sem mentiras, opinião sobre a mentira patológica, simulação e fabulação. Para facilitar tanto a discussão como a compreensão da análise, esta foi feita a partir destas temáticas. Na análise, além de relacionar o conteúdo das entrevistas com a minha percepção, procurei confrontar e articular a visão dos entrevistados.

3.3.1 Definição das mentiras

Nas perguntas iniciais da entrevista, os profissionais definiram ou fizeram esclarecimentos sobre a mentira a partir de suas percepções. A ênfase a essa explicação foi dada em diferentes níveis para os três entrevistados.

O cientista definiu mentira como distorção de um fato real. Considero essa conceituação interessante, pois mesmo uma situação mentirosa inventada é uma distorção da realidade, já que esse mentiroso, mesmo que inconscientemente, se baseia em elementos da realidade para forjar suas histórias. Portanto, ele converte fatos reais em fatos fictícios.

O educador qualifica a mentira como uma forma de ocultar as contradições e a verdade como uma maneira de trazer à tona essas contradições. Essa relação entre mentira e contradições que o educador propõe será melhor explicada no decorrer do capítulo. O educador ainda fez considerações sobre a maneira pelas quais eu classifiquei a mentira. Ele discorda da definição da mentira, que eu chamo de esporádica, apresentada nessa pesquisa. O entrevistado caracteriza esse tipo de mentira como uma forma de ser, e não como uma ferramenta eventual. Contudo, defendo que a mentira cotidiana é eventual, pois segundo Michaelis (1998, p. 915) eventual significa “Dependente de acontecimento incerto; Casual, fortuito; Variável”. A mentira usada no cotidiano se enquadra nessa definição, por ser uma resposta às pressões de episódios incertos no dia a dia, de modo que seu uso depende de circunstâncias variáveis tanto em periodicidade quanto em gravidade. Concordo que realmente a mentira esporádica é necessária e inseparável das práticas sociais, mas isso não remove o seu caráter casual e eventual.

O médico e o educador ampliam de diferentes formas o conceito de mentira. O médico tem uma visão mais ampla porque considera ilusão, sedução e disfarce ecológico como mentira. Com relação ao disfarce ecológico, o entrevistado afirma que “a natureza inteira vive da mentira, não da verdade” (informação verbal)¹, e dá o exemplo do camaleão que ao se camuflar estaria mentindo que é uma pedra, um galho de árvore. Não entendo esse disfarce ecológico como mentira, pois ele não é exatamente proposital, como a definição de mentira deste trabalho. A camuflagem faz parte do instinto do animal. Já a ilusão não faz parte da definição de mentira por não ser consciente e a sedução também não faz parte por ser uma estratégia que pode ou não ter traços mentirosos e, portanto, os casos mentirosos não devem ser generalizados. Já o educador amplia o conceito de mentira, enfatizando outro tipo de

¹ Entrevista realizada com o médico no dia 21/10/2010.

mentira, diferente da que destaco. Em minhas classificações, defino apenas a mentira consciente, na qual o impulso para se mentir é voluntário e lúcido. O educador apresenta a mentira inconsciente. A seguinte situação é um exemplo deste tipo de mentira: Digamos que uma pessoa presencie um assassinato. Em seu testemunho ela conta aquilo que para ela é a versão verdadeira, porém, essa pessoa se enganou e por isso distorce os fatos, contando assim uma mentira. Neste caso, a testemunha pensa que está contando a verdade, mas o fato é que ela conta uma não verdade. Considero que os casos de mentira inconsciente não façam parte da definição de mentira, pois esta tem que ser voluntária e proposital.

3.3.2 Considerações sobre a sociedade

Além das definições, o médico e o educador utilizaram a contextualização social para embasar as respostas, expondo, desta forma, sua percepção da sociedade e de como a mentira se enquadra nela.

O educador traça o perfil de uma sociedade que considera ideal, na qual a mentira seria um aspecto atípico: “A princípio, em uma vida social saudável, isto é, em que as pessoas podem confiar umas nas outras, em que não há uma concorrência entre as pessoas para que uma se destaque, a situação da mentira seria residual” (informação verbal)².

Ele diz que o que nos separa desta condição de sociedade saudável é a competição exacerbada entre os seres. Atualmente, a sociedade que fazemos parte promove uma competição extrema entre os indivíduos, competição essa que talvez esteja hoje em seu nível mais extremo. Essa concorrência violenta entre os seres gera uma necessidade de fingir ser alguém diferente do que se é para aparentar ser melhor que o outro, promovendo, portanto, a mentira. Ou seja, a sociedade promove a competição, a competição promove a mentira, e a mentira causa sofrimento à própria sociedade. Desta forma, as pessoas se comportam como carrascas de si mesmas, pois impõem aos outros as pressões que recebem.

Após traçar o perfil de uma sociedade ideal, o educador contextualiza a sociedade atual e explica que a construção da sociedade humana no processo histórico criou uma série de características na nossa vida social que promovem as mentiras:

Vamos pensar aqui que a natureza humana não é idêntica, permanente e igual a si própria ao longo do processo histórico. Nós somos seres forjados na vida social. Nós não existimos como individualidades singulares crispadas em si mesmas. Em cada momento do processo histórico, cada tipo de sociedade e cada maneira na qual a sociedade se organiza pra existir produz subjetividades diferentes, produz formas de ser diferentes. A nossa sociedade é capitalista. É uma sociedade voltada para o mercado, para a competição, para o aumento permanente da produtividade e da

² Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

acumulação e, portanto, para o aumento constante do consumo, ainda que ele seja completamente supérfluo, desnecessário, inútil ou pernicioso pra vida social (informação verbal)³.

O consumo e a acumulação, que segundo o educador são poluidores da existência, estão tão inseridos em nossa sociedade que desde pequenos associamos o significado de ter com o significado de prazer. Esta associação, que é incorporada ao nosso cotidiano, gera sofrimento, pois não é natural do ser humano ser consumista, mas fomos desenhados dessa forma, isso nos constitui como sujeito. A mentira inconsciente está ativamente presente nessa discussão, e neste caso ela se apresenta como ocultação do próprio desejo. Portanto, segundo o entrevistado, aquilo que pensamos ser e gostar é apenas uma reprodução de uma máxima social e mentimos para nós mesmos toda vez que reafirmamos que essas verdades sociais fazem parte da nossa própria vontade.

Na visão do educador, a questão da mentira consciente é sobreposta, em termos de importância, pela problemática da mentira inconsciente, que envolve o cárcere desse sujeito às contradições e às teias sociais. A mentira inconsciente seria, de acordo com o educador, mais grave por prejudicar o próprio indivíduo que se vê no dilema de não conseguir reconhecer o próprio prazer. Este também considera que além de ser menos complicante, a mentira consciente também seria de mais fácil identificação.

Além do esclarecimento sobre sociedade, o educador ainda definiu que educação é o processo de formação do sujeito. Este processo consiste na conversão daqueles que nascem em seres sociais, adequados à vida social. Segundo o entrevistado a escolaridade é apenas uma das formas nas quais a educação se dá:

“A gente também pode pensar educação só como o ambiente escolar, mas não é verdade e já seria uma limitação, porque o ambiente escolar é uma forma de educação, e a televisão é outra, o cinema é outra, e a existência uma forma permanente de educação” (informação verbal)⁴.

O educador ainda articula educação e sociedade quanto à existência de mentiras:

Se a educação é esse processo enorme de formação do sujeito, as contradições que permeiam a vida social, também permeiam a educação. Portanto, vão estar introjetados não apenas como mentiras conscientes, mas como uma forma de ocultação do próprio desejo, uma forma de dificultar aos sujeitos enxergar suas próprias contradições, e transferirem essas contradições para os objetos (informação verbal)⁵.

³ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

⁴ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

⁵ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010

Ao encarar a profissão como um reflexo da vida social, a opinião do educador converge com a do médico, que também considera que as determinações da sociedade são encontradas no meio profissional.

O médico expõe que a mentira pode ser avaliada por duas formas: por uma visão moral ou ética. Ele diz que:

O que é importante colocar logo de início é que essa questão da mentira e da verdade pode ter ou não uma conotação moral. Porque se tem uma conotação moral, a priori você considera a mentira uma coisa ruim, seja em que contexto for. Se você não considera a questão da mentira uma questão moral, ela passa a ter uma variabilidade em relação aos contextos. Pode ser boa ou má, conforme os contextos, e dessa forma ela passa a ter uma conotação que não é moral, mas é ética: ela vai depender das relações, de uma ética relacional (informação verbal)⁶.

Portanto, o médico relaciona conotação moral aos costumes e a conotação ética aos contextos. Ele defende, durante vários momentos da entrevista, que toda mentira deve ser contextualizada, logo, ele defende uma postura ética na avaliação dos casos. O médico também considera que nenhuma sociedade está totalmente livre da mentira, portanto, uma análise moral do tema seria hipócrita, já que condenaria uma característica inerente à sociedade. Nesse contexto, a mentira estaria sempre errada e, portanto, o mentiroso sempre seria culpado. Nota-se que o educador se posiciona sobre essa questão da culpa:

A mentira não é algo culposo a priori para o ser singular, mas está correlacionada ao conjunto da vida social, o que significa que a gente precisa entender o conjunto da vida social para conseguir entender, inclusive, o que é ou não mentira. A mentira não está dada em um argumento dela, nem na correlação imediata, ela está colocada em um contexto social. Portanto, mesmo se a gente imaginar um comportamento efetivamente patológico de uma pessoa que só possa existir fabulando permanentemente, ainda sim, o problema não pode ser colocado como uma culpa dela, mas vai ter que ser pensado porque a vida dessa pessoa leva a esse comportamento permanente. E de alguma maneira, ainda que eu possa imaginar que existam situações que vão unicamente para o mal, para prejudicar alguém, ainda nesse caso, você teria que entender as condições gerais que promovem esse tipo de comportamento (informação verbal)⁷.

A partir deste ponto de vista, além da relação entre o mentiroso e a culpa, entende-se que a necessidade de forjar ou não mentiras é determinada pelo contexto da vida social do indivíduo.

Em resumo, a partir dos posicionamentos do médico e do educador sobre a sociedade atual e a mentira, é possível fazer algumas relações entre suas visões. Ambos defendem que toda e qualquer mentira deve ser contextualizada e que seus campos de atuação, assim como todos os outros, são reflexos da sociedade e, portanto, vão atravessar as mesmas pressões que levam às mentiras.

⁶ Entrevista realizada com o médico no dia 21/10/2010.

⁷ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

Os três entrevistados ainda expuseram sobre a relação entre a mentira e o alcance de uma sociedade ideal. As opiniões são muito heterogêneas, mas elas, mesmo que divergentes entre si, são plausíveis dentro do discurso dos entrevistados.

O cientista acredita que para a sociedade melhorar é preciso acabar com as mentiras. Como ele considera a mentira como algo essencialmente ruim, seja qual for a sociedade em questão, ela precisa ser eliminada da sociedade - assim como um organismo precisa ser livre de uma doença - para que a sociedade melhore e atinja o status de ideal.

O médico acredita que mesmo em uma sociedade ideal ainda haverá mentiras. Ele considera que independente da sociedade a mentira será necessária, pois é da natureza do homem mentir.

Já o educador acredita que para se construir uma sociedade ideal, não é necessário combater a mentira e sim mudar a sociedade, pois é esta que impulsiona as pessoas a mentirem.

A importância que os entrevistados atribuem à discussão da sociedade quando questionados sobre a mentira, indica o atual entrelaçamento desses temas que não funcionam isoladamente.

3.3.3 Construção da verdade na sociedade

O educador discute a formação da verdade na sociedade, que por apagar seus conflitos através da mentira, constrói uma idéia de conhecimento verdadeiro, que é, na verdade, parcial. Disse o entrevistado:

Este seria um conhecimento parcial que abdicou de tentar compreender a totalidade do processo e que só vê um elemento parcial. Ao ver esse elemento parcial ele não está mentindo, ele está tentando ser sincero, porém, é limitado. Ele está integrado na grande mentira social e nem mais vê que de fato aquilo que ele está fazendo como se fosse correto, direito e sem mentira pode estar operando um conhecimento totalmente limitado (informação verbal) ⁸.

Portanto, o conhecimento é falseado em uma parte restrita. Esta parte pode ser chamada de verdade unilateral, porque tem elementos de verdade, mas contempla apenas uma parte limitada do processo, ocultando o restante. Um exemplo dessa verdade unilateral pode ser visto na restrição da idéia atual de educação, pois esta não é vista como o processo de formação do indivíduo, mas como um pacote de informações necessárias para se conseguir um diploma ou passar no vestibular. O entrevistado interpreta que o maior risco que a mentira

⁸ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

traz para a educação, e para a sociedade em geral, está relacionado à construção dessa verdade unilateral. Frente a isso, as mentiras no processo de educação são de relevância inferior.

O educador inclui na discussão sobre a construção da verdade a questão da verdade absoluta:

A verdade absoluta não existe. Por que ela não existe? Porque ela é sempre fruto de uma sociedade histórica, e as sociedades se colocam problemas sobre a natureza, sobre as relações sociais, sobre o que é o ser singular. Elas se colocam problemas porque sua própria existência põe problemas. Portanto, elas vão tentar responder a esses problemas da melhor maneira possível, se aproximando da verdade. Ora, como a cada período histórico novos problemas existem, novas respostas serão encontradas. Por isso eu estou dizendo que não existe uma verdade absoluta, mas existe verdade. A verdade é sempre historicamente colocada (informação verbal)⁹.

O educador expõe que existe uma tendência para se pensar que a educação é algo absoluto. Ele diz que como não há uma verdade absoluta, não há como existir um conhecimento final. Se não há um ponto final, o processo de educação deveria ser aberto, declaradamente em construção, no qual educandos e educadores aprendessem com conhecimentos anteriores, produzissem conhecimento e mantivessem essa possibilidade de construção para as próximas gerações. O educador diz, ainda, que “uma educação que tende a se apresentar como absoluta já envolve um elemento de ocultação de seus próprios limites” (informação verbal)¹⁰. Nesse sentido, essa ocultação é uma mentira inconsciente, que faz com que as pessoas interpretem essas formas absolutas como verdadeiras.

3.3.4 Causas da mentira

Os motivos para se mentir foram abordados em duas perguntas, de forma que uma questionava sobre as causas da mentira na sociedade e a outra na profissão.

O cientista entende que a mentira pode ser usada de uma forma geral para proteção, manipulação e para encobrimento de certos aspectos que não se quer que seja de conhecimento público. Em nível profissional, o entrevistado acredita que na sua área de atuação as mentiras sejam ditas por uma questão de ego. Como a ciência atribui grande credibilidade para a imagem do cientista, este pode abusar deste poder para contar uma mentira a fim de se promover. Concordo com a opinião do entrevistado, exceto pela sua restrição das mentiras às razões particulares, pois desta forma ele deixa de lado a possibilidade da conjuntura impulsionar a mentira, ou seja, considera que o indivíduo não seja afetado pelas determinações externas e sim por sua própria vontade.

⁹ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

¹⁰ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

O médico considera que as pessoas mentem por interesse, por recreação, por algum problema psicológico, enfim, a mentira tem que ser contextualizada. Em relação à área da saúde, ele considera que cada ocupação tem demandas diferentes, e por isso, tem necessidades diferentes de produzir mentiras. Os gestores em saúde, que podem ser ou não políticos, mentem por questões de propaganda ou para ganhar tempo. Os profissionais da saúde em geral podem dizer meias verdades, mesmo que as meias verdades sejam mentiras inteiras, a fim de poupar o paciente, ainda que isso seja realmente questionável, pois o paciente pode ou não querer ser preservado. Os usuários da saúde podem mentir por recato ou vergonha, ou podem mentir por se enquadrarem em casos patológicos.

Nesta análise do médico, é ressaltada a importância de se levar os contextos em consideração, assim como a percepção de que demandas diferentes produzem mentiras diferentes. Outro aspecto que considero relevante é a menção que o entrevistado fez, por duas vezes, à possibilidade de a mentira se apresentar como um transtorno psicológico. Sobre a mentira que os profissionais dizem aos usuários, entendo que estas podem funcionar como um estágio intermediário para a verdade, de forma que o profissional conta uma meia verdade para preparar o paciente para uma verdade inteira. Não entrarei na discussão da legitimidade desta prática, mas considero que é complicado alienar uma pessoa sobre sua própria vida.

O educador entende que a mentira consciente em geral é uma forma de adequação ao mundo. Considera que enquanto a nível esporádico é uma forma da existência social cotidiana, a nível patológico é um reflexo de um conflito social mais denso. Isso acontece porque os mitômanos não são suficientemente acompanhados e precisam inventar soluções que são dramáticas para eles e para aqueles a sua volta. Para o educador, as pessoas podem mentir conscientemente na área da educação ao afirmar o domínio de um conhecimento que não tem. Porém, ele classifica que essas situações, em que o professor não sabe e diz que sabe e em que o aluno não sabe e diz que sabe, são mentiras óbvias e que seriam negadas na própria prática de maneira imediata por serem explícitas.

Na análise das mentiras mais gerais o educador, sempre com um olhar social, relaciona os tipos de mentira que classifico com experiências sociais de diferente complexidade. Sobre as “mentiras óbvias” da relação entre professor e aluno acredito que, mesmo que explícitas, não aconteçam involuntariamente, pois são reflexos de uma série de pressões. Apesar do educador não ter explicitado o motivo para dizê-las, pelo seu discurso acredito que seja possível concluir algo a partir da sua idéia de competição como promotora de mentiras. Na sociedade, os seres estariam em constante competição, de forma que admitir a falta de conhecimento significaria prejudicar-se nessa disputa. Então, mentir significaria uma

forma de se destacar, ou até de sobreviver no sistema. Sobre a relação dessas mentiras com o ego? Bem, acredito que possamos pensar que esse ego, que significa exaltação da própria personalidade, é um reflexo da necessidade de se destacar, que propõe o educador. Ou seja, a sociedade ganha o reforço do próprio indivíduo nessa cobrança, pois se destacar passa a ser uma necessidade do indivíduo, e não apenas cobrança da sociedade.

3.3.5 Mentira usada para o bem

Os entrevistados foram questionados sobre a possibilidade de a mentira ser utilizada para o bem. Todos os entrevistados consideram que é possível, ressaltando questões diferentes para a justificativa. O cientista considera que a mentira só seja plausível no caso da supressão dos direitos individuais, de forma que em outros casos ela não seria recomendável e explica da seguinte forma:

A mentira em geral pode ser um fator complicante ou até agravante, mas, dependendo da circunstância em que está sendo usada, por exemplo, no caso de uma perseguição política, no caso de uma situação de risco por abuso de poder ou autoridade governamental, a mentira é até um recurso legítimo, porque ela está preservando a vida do indivíduo, já que as garantias individuais não existem em alguns regimes políticos (informação verbal)¹¹.

Apesar de afirmar que a mentira pode ser utilizada para o bem, o médico, apresenta que isso é uma questão de referencial, pois a mesma situação de mentira pode ser encarada positiva ou negativamente, dependendo se o referencial em questão é o mentiroso ou aquele que acredita nele. Realmente, essa tese da importância do referencial deve ser levada em consideração, porque, por exemplo, na situação proposta pelo cientista, a mentira é positiva para aquele que é perseguido, mas para os que perseguem é negativo.

3.3.6 Avaliação do bom mentiroso

No roteiro de entrevistas, há perguntas a nível social e a nível profissional que têm como objetivo verificar se ser um bom mentiroso é encarado pelos entrevistados como uma qualidade ou como um defeito. Intuitivamente já esperava que nenhum entrevistado fosse responder que poderia ser considerada uma qualidade, pois a alternativa “defeito” me parecia mais óbvia. Porém, eu fui surpreendida pela riqueza de discussões e conclusões que eu pude tirar a partir das respostas dos entrevistados.

¹¹ Entrevista realizada com o cientista no dia 07/10/2010.

O cientista considera que ser um bom mentiroso é um defeito, pois este seria uma pessoa que manipula pessoas e articula situações. Em sua profissão, o entrevistado avalia que é um defeito porque além de ser antiético, gera uma problematização desnecessária, pois demanda tempo, pesquisa e dinheiro para desmascarar essa mentira, ou seja, a mentira traz reflexos econômicos.

Para o médico, a mesma situação de mentira pode ser encarada positiva ou negativamente, dependendo se o referencial em questão é o mentiroso ou aquele que acredita nele. Ele dá um exemplo:

Se eu voto em um político que é um bom mentiroso eu vou considerar isso um defeito, mas para o partido desse político e para o próprio político ser um bom mentiroso é positivo e vale à pena, porque faz com que ele ganhe a eleição, faz com que eu nunca o considere um mentiroso e vote nele indefinidamente (informação verbal)¹².

Este entrevistado relativiza a situação e ressalta a importância da consideração do referencial na mentira. Toda mentira, exceto o auto-engano, tem dois lados: o lado da pessoa que diz, e o lado da pessoa que ouve. Frente a isso, é possível fazer uma gama de combinações sobre os efeitos da mentira, pois ela pode ser boa, pelo menos de uma forma imediata, apenas para quem conta ou para quem ouve, pode ser boa para ambos, pode não ser boa para nenhum dos dois, ou simplesmente pode não ter nenhum efeito. Os casos em que a mentira é positiva para quem acredita são questionáveis, porque ela pode até trazer benefícios imediatos e aparentes, mas de qualquer forma ela gera alienação, o que não é positivo socialmente. Ao analisar este caso, concluiu que independente da quantidade de situações possíveis, a mentira, do ponto de vista social, será sempre um defeito, pois será sempre deletério que alguém seja enganado. Porém, do ponto de vista de cada indivíduo haverá a possibilidade de uma interpretação, mesmo que esta não leve em consideração que a mentira cause sofrimento e alienação em todos os casos. Por essa visão também é possível constatar que o médico considera que as mentiras possam ter sustentabilidade na vida social.

O médico ainda avalia esta questão a nível profissional, e expõe que se a sociedade considera a verdade uma qualidade positiva, ser um bom mentiroso nessa lógica é um defeito. Portanto, como a profissão é um reflexo dessa sociedade, nesse contexto mentir bem também pode ser considerado um defeito. Ao comparar a percepção do médico sobre essa questão do bom mentiroso a nível social e profissional, percebe-se que na vida social ele considera que cada indivíduo possa ter um julgamento pessoal sobre o tema, mas na vida profissional esses

¹² Entrevista realizada com o médico no dia 21/10/2010.

valores são baseados no que é tido coletivamente, ou seja, são baseados no que é tido como certo socialmente.

O educador retoma a questão da exaltação da aparência - abordada pelo próprio no tópico das causas – e a relaciona à classificação do bom mentiroso como qualidade ou defeito.

O educador comenta:

Como é que a gente vai definir o que é qualidade e o que é defeito se, na sociedade em que a gente vive, a qualidade é vencer, e não ser? Se a qualidade é ter, e não ser? Se a qualidade é exibir, e não ser? Nessas condições, o padrão dominante de qualidade não é uma pessoa ser plena e integralmente o que ela é e poder aprofundar e compreender suas contradições, e sim ocultar, apagar, eliminar suas contradições. A mentira acaba sendo uma condição de existência da vida social, dramaticamente (informação verbal)¹³.

Por essa visão, a mentira é condição de sobrevivência e o *status quo* social. Classificá-la como defeito cria uma contradição, já que a sociedade promove esse defeito como virtude. O entrevistado ainda considera que na lógica da profissão de educador ser um bom mentiroso é sempre um defeito. Ou seja, individualmente a mentira é necessária, pois a sociedade atual incita seu uso, enquanto que para um educador, pelo menos em teoria, é um defeito.

3.3.7 Níveis do uso da mentira

Aos três entrevistados foi proposto classificar o uso da mentira em grave, banal ou necessário, a nível social e profissional.

O cientista considera a mentira, a nível social, como uma coisa grave, por comprometer um coletivo de pessoas. Se o cientista considera que seja uma coisa grave, ele descarta a possibilidade de a mentira ser própria da sociedade, considerando-a como um aspecto exterior.

A nível profissional, o cientista considera que hoje é grave, mas em períodos anteriores, pela falta de recursos para comprovar as mentiras era uma coisa banal. Por esta visão, a tecnologia e a globalização atuam restringindo cada vez mais essas mentiras e as tornando cada vez mais graves e aparentes no meio científico. Além disso, o avanço tecnológico, segundo o cientista, faz com que as mentiras não tenham sustentabilidade no meio científico.

O médico reafirma a sua opinião de que não existe uma sociedade que esteja totalmente livre da mentira e, portanto, esta é necessária mesmo em uma sociedade que se baseia na verdade, como a nossa. A nível profissional o médico diz que a mentira pode ser

¹³ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

grave, banal ou necessária, pois varia de acordo com o contexto. Na opinião do entrevistado, a mentira é algo grave no caso de propagandas enganosas, ou das meias verdades contadas ao usuário da saúde. As mentiras necessárias são as que fazem parte da estratégia de um gestor para dar conta de seus objetivos, ou seja, para o médico a mentira está incorporada ao perfil de um bom gestor. E a mentira banal que seria aparentemente a menos complicante das três, segundo o médico, deve ser analisada com mais cuidado, pois a mentira pode ser banal apenas para uma das partes, de forma que para a outra pode trazer consequências sérias. A partir de sua avaliação sobre a mentira banal, ele concorda com a questão de que as consequências da mentira são essenciais para classificá-la, pois uma mentira dita com o intuito de ser leve pode complicar-se e tomar a proporção de uma mentira comprometedora.

Ao refletir sobre a opinião do médico sobre a gravidade das mentiras concluímos que socialmente ele diz que a mentira é necessária e profissionalmente considera que o contexto e o referencial adotados são importantes para essa classificação. Essa divergência entre as opiniões do entrevistado a nível social e profissional pode estar relacionada com o fato de a área da saúde lidar diretamente com a manutenção de vidas. Portanto, qualquer mentira, independente da intenção, poderia provocar uma mudança na vida deste usuário. Porém, neste meio, também teriam as mentiras necessárias, que seriam aquelas relativas aos jogos de interesse da gestão de uma unidade de saúde, jogos estes que, a meu ver, se assemelham às situações cotidianas, nas quais a mentira é utilizada estrategicamente como uma forma de sobrevivência e manutenção do poder.

Assim como o médico, o educador avalia que a mentira é necessária para sociedade. Entretanto, suas razões são diferentes já que o educador considera que as mentiras são necessárias para ocultação de contradições, enquanto que o médico avalia que as mentiras são necessárias porque são inerentes à sociedade.

3.3.8 Implicações da descoberta da mentira

Os entrevistados foram perguntados sobre quais são as possíveis implicações para a descoberta de uma mentira em seus respectivos campos de atuação.

O cientista avalia que a descoberta da mentira traz perda de credibilidade da pessoa para com os órgãos governamentais e para os colegas de trabalho. Essa perda de credibilidade causa além de prejuízos financeiros, prejuízos psicológicos, já que a pessoa poderá se ver em uma situação de ostracismo. É contraditório pensar que uma sociedade mentirosa condena aqueles que mentem.

Para o médico e o educador, se a mentira for descoberta, dependendo de sua gravidade, a pessoa pode ser processada e até forçada a deixar de exercer a profissão. Mesmo tendo essa visão, o educador ressalta que o ideal era que a descoberta da mentira levasse à discussão sobre necessidade de se mentir. Ele comenta sobre isso enfatizando a relação entre professor e aluno: “Insisto que o correto não seria que esse tipo de dificuldade existente em sala tivesse como encaminhamento uma solução jurídica, e sim uma reflexão histórica, pedagógica e social sobre quais as condições da produção de verdades e mentiras na vida social” (informação verbal)¹⁴.

Ainda sobre as implicações da mentira, o educador diz que a descoberta da mentira social (inconsciente) resulta em ampliação da visão de mundo. Por isso, essa descoberta não implica em um constrangimento, ou não deveria, pois significa desprendimento das limitações impostas por um engano social.

3.3.9 Facilidades sociais e financeiras

Os entrevistados comentaram sobre a possibilidade de a mentira facilitar certas situações no campo profissional. Essas facilidades podem ser tanto ascensão na carreira, ganhos financeiros, ou qualquer outro benefício que a mentira possa trazer.

Para o cientista, a mentira na ciência pode trazer facilidades ao tornar o trabalho de um pesquisador um tema de relevância através de adulterações.

O médico, mais uma vez, divide sua resposta, pois acredita que na saúde as facilidades que a mentira proporciona também variam de acordo com a ocupação da pessoa e explica da seguinte maneira:

Para o gestor em saúde, mentir pode trazer facilidades porque ele pode ganhar tempo. Em outro caso, se ele não consegue apoio político para implantar um serviço, mas mente que, pelo contrário, tem esse apoio político e consegue, a partir dessa mentira, angariar uma expectativa que se torna importante capital para poder negociar esse apoio que antes lhe faltava. O profissional de saúde também pode ganhar tempo em relação ao seu usuário ao proferir meias verdades, no sentido de prepará-lo para a verdade inteira e, assim, lhe preservar do sofrimento desnecessário (mas será que esse paciente desejaria ser dessa forma poupado?) (informação verbal)¹⁵.

Para o médico a mentira pode trazer ganhos financeiros na saúde ao induzir as pessoas a utilizarem um serviço. Neste caso, entram em cena as propagandas que, como artifício sedutor, são conjunções de verdades e mentiras.

O educador problematiza a compensação dessa facilidade atribuída pela mentira:

¹⁴ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

¹⁵ Entrevista realizada com o médico no dia 21/10/2010.

Se a forma social hoje exige que a gente apague as contradições e, portanto, no lugar das contradições apresente uma coisa lisa e essa coisa lisa é mentirosa, aparentemente isso é uma facilidade. Então, mentir poderia trazer uma facilidade. Só que a gente está ocultando que esse tipo de facilidade se dá às custas de um sofrimento psíquico da própria pessoa que apaga as suas contradições, como um sofrimento social porque vai envolvendo teias cada vez mais complicadas, nas quais as pessoas não conseguem mais sair. Então, se envolve alguma facilidade aparente e imediata, envolve complicações enormes e sofrimentos, inclusive psicológicos, muito grande (informação verbal)¹⁶.

O educador ainda infere que a perspectiva unilateral da sociedade atual pode favorecer facilidades como ganhos financeiros e ascensão na carreira. Porém, segundo o entrevistado, em situações mais complexas e totalizantes essa mentira não sobreviveria, ou seja, a mentira oferece apenas um ganho momentâneo.

3.3.10 Credibilidade das áreas do conhecimento

Sobre a questão da credibilidade de suas respectivas áreas, os entrevistados consideram que elas ainda gozam de grande respeitabilidade.

O cientista e o educador acreditam que as áreas da ciência e da saúde, respectivamente, tenham grande credibilidade, e por isso os casos de mentiras que saem na mídia ganham tanta projeção e são tão impactantes. O médico, apesar de considerar que a mentira seja natural à sociedade, expõe que certos meios, como a medicina, por exemplo, que ainda são tidos, pelo senso comum, como “territórios livres da mentira” (informação verbal)¹⁷.

Ao comentar essa questão da respeitabilidade, o educador retoma a discussão sobre a construção da verdade unilateral abordada anteriormente e faz o seguinte comentário:

Há a tendência a uma mitologização de que a educação é sempre a verdade. Esse mito genérico sobre a educação existe porque o intuito das pessoas é dizer a verdade. O fato de que, em uma sociedade cindida, a verdade seja alguma coisa mais complexa do que a imediaticidade unilateral de determinadas afirmações passa, na maior parte das vezes, despercebido. É isso que gera um sofrimento social enorme, gera inclusive a necessidade de mentir (informação verbal)¹⁸.

Essas três áreas do conhecimento – Ciência, Saúde e Educação – realmente têm uma fama positiva em relação às mentiras, e eu relaciono isso ao fato de serem áreas onde o conhecimento é construído e disseminado. Em outras áreas, que tem menos confiabilidade da população, como a Política, por exemplo, é bem mais aceitável socialmente mentir. Essa necessidade de mentir, em diferentes níveis, encontrada nos diversos campos do conhecimento é resultado de pressões e demandas diferenciadas, como já foi dito. É aceitável

¹⁶ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

¹⁷ Entrevista realizada com o médico no dia 21/10/2010.

¹⁸ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

acreditar que em uma área tenha mais mentiras que na outra, mas não faz sentido crer que existam áreas nas quais a mentira esteja extinta, não na nossa sociedade atual.

3.3.11 Áreas com mais mentiras

Os entrevistados também comentaram sobre a questão da maior incidência de mentiras de uma área em detrimento da outra. Para o cientista e o médico existem diferenças entre a quantidade de mentiras de uma área para a outra. O cientista considera que as áreas que possuem mais mentiras são os meios econômicos, da imprensa e da política. Já o médico considera que a área com mais mentiras seja a do Direito, pois ela é, pela visão do entrevistado, feita essencialmente disso. Ele esclarece:

No direito me parece acontecer algo curioso. Todos querem a verdade, mas a verdade é construída não apenas pela objetividade das provas, mas também pela capacidade de persuasão dos advogados. Ou seja, na fabricação da verdade, que pode nesse caso levar a um *veredictus* (que é um termo latino composto por VERE ‘realmente, verdadeiramente’, mais DICTUS, participio passado de dicere, ‘dizer, declarar’), há um traço de mentira (informação verbal)¹⁹.

Neste fragmento, o médico indica uma contradição no processo de construção de verdades na área do Direito, pois a busca da verdade é feita a partir das mentiras. Em certos casos como este, a mentira pode estar tão introjetada na realidade de uma profissão ou de uma pessoa que há a dificuldade de separar o que é verdade ou mentira.

O educador rompe com a linha de pensamento dos outros dois entrevistados, pois considera que não há uma diferença expressiva de uma disciplina do conhecimento para a outra. Ele expõe que todas as áreas estão submetidas à mesma vida social e, portanto, estão expostas da mesma forma a competitividade capitalista e a ocultação das contradições. O educador conclui dizendo que “a área da educação, como qualquer outra área, vai envolver limitações que vão empurrar, consciente ou inconscientemente, os sujeitos para pequenas ou maiores mentiras” (informação verbal)²⁰. Sobre essa opinião, concordo que certas pressões sociais são comuns a todas as áreas, mas creio que cada profissão ou área do conhecimento tem suas especificidades e, portanto, tem necessidades diferentes de produzir mentiras.

¹⁹ Entrevista realizada com o médico no dia 21/10/2010.

²⁰ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

3.3.12 Possibilidade de uma área sem mentiras

Os entrevistados foram questionados sobre a possibilidade de imaginar suas áreas de atuação sem a mentira.

Para o cientista é possível imaginar a ciência sem as mentiras, já que estas são ditas por questões particulares. Com isso, o entrevistado mostra novamente que em sua opinião a mentira é oriunda de uma vontade individual, não de uma influência social.

Em exposições anteriores, o médico já deixara claro que a mentira é inerente à sociedade. A partir desta constatação, é previsível que a opinião do entrevistado expresse que seja impossível uma área de atuação e sociedade sem mentiras, pois o mesmo considera sociedade e mentira inseparáveis. O entrevistado comenta:

Acho que não é possível imaginar a sociedade sem a mentira. Levando em conta a mentira no sentido extra moral, é impossível imaginar qualquer coisa sem essa prática da mentira. Um filme que você assiste no cinema é uma 'mentira' ainda que retrate uma 'verdade'. Na verdade, o cinema se constitui por fotolitos projetados sobre um écran criando o movimento mentiroso... Nesse sentido não há como pensar uma sociedade sem a mentira (informação verbal)²¹.

De acordo com o educador, é possível imaginar a educação sem a mentira porque é possível imaginar uma educação na qual a ocultação não seja necessária. Segundo o entrevistado, imaginar um perfil de educação diferente significa que:

É possível imaginar uma sociedade diferente desta que existe agora. Essa sociedade é histórica. Foi criada historicamente e historicamente pode ser modificada. Haverá outros tipos em mentiras em outra sociedade? Talvez. Talvez a palavra não seja nem mais mentira. Então, é possível certamente imaginar uma forma de educação de outro tipo, em outra forma social, já que nós somos históricos (informação verbal)²².

O entrevistado ainda propõe que a maneira para se mudar a sociedade é a partir da mudança das nossas práticas, não apenas do nosso discurso.

Esse exercício de imaginar ou não o campo de atuações sem mentiras é importante para reafirmar a noção da necessidade da mentira para os entrevistados. Em relação a essa questão, o cientista entende que não exista essa necessidade, pois as razões que incitam a mentir são particulares; o médico afirma que a necessidade existe, pois é natural da sociedade; e o educador acredita que a mentira é necessária para esta sociedade, mas em uma sociedade ideal talvez ela não fosse.

²¹ Entrevista realizada com o médico no dia 21/10/2010.

²² Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

3.3.13 Opinião sobre a Mentira Patológica

Um dos objetivos a que este trabalho se propôs foi explorar a faceta patológica da mentira. No roteiro de entrevista, uma pergunta tratava especificamente da discussão da mentira patológica em geral.

O cientista define a mentira patológica como “mentir sem se importar com os outros” (informação verbal)²³ e acredita que ela pode ser usada em sua profissão principalmente por uma questão de manutenção de poder. Por esta definição o conceito de mentira patológica está relacionado à gravidade da mentira, e não à quantidade. Em minhas classificações, eu considero que tanto o aspecto quantitativo da mentira quanto o qualitativo possam fazer parte deste perfil, por isso, a opinião do entrevistado e a minha coincidem parcialmente.

O médico considera que para o mentiroso patológico falta malícia e estratégia, já que a sua compulsão por mentir faz com que ele não enxergue um limite entre o que seria aceitável em termos de mentira. As pessoas se afastam dele antes que danos maiores aconteçam, por isso, a mentira patológica exercida pelo profissional da saúde não sobreviveria muito tempo.

Por este relato do médico, pode-se concluir que o entrevistado considera que a questão da mentira patológica esteja mais vinculada com a quantidade de mentiras do que com a gravidade delas. Assim como no caso do cientista, o médico foca em um aspecto específico do perfil do mitômano o que não está errado, mas é menos amplo do que eu proponho. Outro aspecto passível de ser ressaltado a partir da opinião do médico, é que saber mentir é uma questão de dissimulação e parcimônia, e essas características na opinião do entrevistado fazem parte da mentira patológica em geral, e para mim, faz parte do perfil do fabulador.

Isto que o médico trata como mentira patológica, nesta pesquisa eu específico como fabulação, ou seja, a minha opinião e a do mesmo divergem sobre a classificação da mentira patológica em geral e, especificamente, no caso da fabulação.

O educador ressalta que no perfil de um mentiroso patológico estão presentes mais variáveis do que simplesmente a vontade de mentir, é necessário levar em consideração que os indivíduos são forçados para mentira. Pelo entrevistado, mesmo no caso de as mentiras dos mitômanos causarem prejuízos, eles não podem ser julgados somente por isso, porque eles estão presos a teias sociais que os impulsionam para isso. O educador completa que evita “pensar nessas patologias ou nessas espertezas como se fossem uma espécie de arma das

²³ Entrevista realizada com o cientista no dia 07/10/2010.

peças, mas como resposta das pessoas às formas históricas e sociais nas quais elas vivem” (informação verbal)²⁴.

O educador faz uma relação muito interessante, ao dizer que a mentira esporádica é conjuntural e a mentira patológica é estrutural. De fato, isso faz muito sentido, pois a mentira esporádica é impulsionada por demandas imediatas e variáveis, que emergem de acordo com as ocasiões. Por outro lado, a mentira patológica é resultado de uma série de desarranjos emocionais graves que fazem com que a pessoa veja na mentira a forma de conseguir o equilíbrio. Então, esse apego profundo à mentira pode ser considerado estrutural, porque o indivíduo incorpora essa mentira como um estilo de vida.

3.3.14 Opinião sobre a simulação

A simulação, que não é necessariamente é um comportamento patológico, foi tratada por uma das perguntas. Nas respostas, alguns entrevistados correlacionaram a simulação com questões sociais e profissionais, ampliando assim o conceito.

O cientista acredita que a simulação na ciência possa acontecer na área biomédica, em experimentos puramente dedutivos, e desconhece esse comportamento em outras áreas. Este entrevistado, portanto, entende simulação como imitação de uma doença somática ou psicológica. Nas definições deste trabalho, eu dou ênfase à simulação exatamente como o cientista considerou, porém, os demais entrevistados ampliam este conceito.

Sobre a simulação o educador comenta:

Em uma sociedade na qual você tem que parecer o que você não é, a simulação é a forma legítima da existência social. [...] Você tem que simular o tempo inteiro ser algo diferente daquilo que você poderia ser. Isso porque socialmente não se quer que as pessoas possam ser aquilo que elas poderiam, e sim que elas se adequem ao mundo que está e considerem esse mundo como natural. [...] Uma produção da vida social voltada pra acumulação, forçosamente produz simuladores (informação verbal)²⁵.

Para este entrevistado simular significa ajustar-se a um padrão colocado socialmente, de forma que se encaixar a essa forma causa sofrimento.

O médico encara que, na sociedade em geral, talvez só existam simuladores, já que os conceitos de verdade e de simulação se misturam. Essa percepção pode ser vista na seguinte problematização:

O que é uma simulação? A gente pode dizer que a simulação é a tendência de se imitar um modelo. E o que é a verdade aqui? A verdade não é quando você imita a perfeição um modelo? Digamos que a nossa sociedade se constitui instituindo uma

²⁴ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

²⁵ Entrevista realizada com o educador no dia 25/10/2010.

série de valores desejáveis. Quanto mais alguém se aproximar desses valores, mais verdadeiro será, mais aceito socialmente será (na medida em que alguém “verdadeiro” é por isso alguém confiável) (informação verbal)²⁶.

Sobre essa questão da verdade e da simulação, o médico ainda cita o exemplo da fidelidade, em que esta seria a ausência de desejo sexual por outro que não o cônjuge. Porém, o desejo não é algo que possa ser eliminado, e sim ocultado. Então, no caso de uma pessoa casada sentir atração por alguém sem ser seu cônjuge e optar por ser fiel, ele tentará aproximar-se do modelo de fidelidade mesmo que signifique simular a ausência dessa atração. Desta forma, quanto mais verdadeiro for, mais mentiroso será.

Ao comentar a simulação, médico retoma a discussão sobre as contradições no processo de construção da verdade. Ele considera que a verdade consiste na aproximação do ideal, e essa aproximação leva a uma aceitação. Deste modo, como se trata da aproximação de um modelo e não da transformação do indivíduo neste, tudo que é tido como verdadeiro seria uma imitação.

3.3.15 Opinião sobre a fabulação

A fabulação, que é uma forma específica da mentira patológica, foi discutida em uma pergunta do roteiro, de forma que os entrevistados teriam que discuti-la em seu campo de atuação.

O cientista avalia que os fabuladores mentem para se qualificarem como pessoas audazes, capazes, corajosas e empreendedoras, de forma que aumentam e dificultam a história pela qual passaram. Este conceito de fabulação, mesmo que pertinente, não coincide integralmente com a linha de raciocínio do trabalho, porque o entrevistado não parece considerar que se trata de um transtorno psicológico. Ele considera que a fabulação seja uma questão mais imediata de exaltação de ego, e mesmo este aspecto sendo característico do comportamento do fabulador, não é a única variável a ser levada em consideração.

O médico considera que a fabulação seja baseada em má-fé, com o objetivo de auferir alguma vantagem. O conceito que ele traça de fabulação se assemelha ao conceito que classifico como o de mentira patológica em geral. Portanto, a minha opinião e a do médico estão invertidas em relação à classificação de fabulação e mentira patológica.

Quanto à fabulação, o educador acredita que aconteça menos que a simulação, por se tratar de uma característica mais psicológica. Ou seja, a simulação seria uma espécie de necessidade em nossa sociedade, uma resposta natural às pressões, já a fabulação teria traços

²⁶ Entrevista realizada com o médico no dia 21/10/2010.

de transtornos psicológicos que seriam respostas mais complicantes aos conflitos. Portanto, o conceito de fabulação coincide com o deste trabalho. Esta declaração do educador é a única que considera a fabulação, e conseqüentemente a mentira patológica, como um distúrbio psíquico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho discuti sobre a relação entre diferentes níveis de mentira e a sociedade. Para fazer esta reflexão tentei me afastar ao máximo da mentira exatamente para falar com propriedade sobre ela.

As entrevistas que realizei serviram tanto para confirmar minhas visões, como para sensibilizar-me para outros aspectos. Salvo as divergências, algumas de minhas percepções, que confirmei, foram em relação à mentira causar um engano proposital e ser uma resposta às pressões da sociedade, a qual promove uma competição extrema entre os indivíduos que precisam mentir para se adequarem ao mundo.

Outros aspectos que foram confirmados têm relação às variáveis para a avaliação de uma mentira que são a incidência, a motivação e a consequência desta. A classificação da mentira esporádica como um fator eventual e inseparável das práticas sociais atuais, também foi confirmada, assim como a classificação da mentira patológica como um transtorno mental.

A reflexão dos entrevistados me fez constatar que apesar de ser importante para a manutenção e construção da sociedade atual, a mentira é sempre deletéria do ponto de vista social, porque gera sofrimento ao estimular a ocultação dos desejos e sentimentos do indivíduo. Os depoimentos dos entrevistados também fizeram com que eu desse mais atenção para o fato de que mentira é impulsionada por mais que uma vontade, mas pelas determinações sociais e profissionais. Além disso, pude perceber que demandas diferentes produzem mentiras diferentes.

A análise das entrevistas fez com que eu percebesse que a mentira é necessária, mas em outro cenário social talvez ela não fosse. Todavia, mesmo com essa possibilidade acho difícil imaginar uma sociedade totalmente livre das mentiras. Talvez isso aconteça pelo fato de eu estar impregnada por essa lógica baseada na mentira. Contudo, acredito que é possível em uma sociedade menos competitiva, haver a possibilidade de diminuir nossa necessidade perante a mentira.

Uma das problemáticas mais importantes que passei a considerar é o fator contraditório de uma sociedade mentirosa condenar aqueles que mentem. Em uma sociedade cuja lógica estimula as pessoas a dizer mentiras, não se pode simplesmente culpar aqueles que o fazem. Esse seria o mais fácil a se fazer, e é o que é feito hoje, pois mascarar uma situação colocando a culpa nas vítimas do processo é mais fácil que analisar a conjuntura. Essa análise não é interessante tendo em vista a manutenção da sociedade atual, porque ela exporia o paradoxo entre a condenação social da mentira e o estímulo ao seu uso.

Ao explorar a mentira, me deparei com a discussão sobre a verdade. Para essa reflexão as entrevistas colaboraram muito, pois até certos aspectos como a divergência na opinião dos entrevistados indicou que não há uma verdade absoluta, mas que há uma verdade para cada contexto e referencial. Portanto, não existe uma verdade sobre a mentira, e sim várias. Neste trabalho, procurei explorar o máximo que pude essas verdades, mas como avalio que o conhecimento está sempre em construção, chego ao final desta pesquisa considerando que esse é o resultado parcial e que ainda há muito mais para se contribuir sobre este tema.

Encerro este trabalho com um poema que de forma brilhante conduz a questão da verdade.

Verdade

Carlos Drummond de Andrade

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.
(MEMÓRIA VIVA, [2010]).

REFERÊNCIAS

BIBLIA ONLINE. **Êxodo**: cap.20 vers.16. [2010]. Disponível em: <http://www.bibliaon.com/exodo_20/>. Acesso em: 10 jun. 2010.

BOMBANA, José A. Somatização e conceitos limítrofes: delimitação de campos. **Psiquiatria na prática médica**, São Paulo, v. 33, n. 1, jan./mar. 2000. Disponível em: <http://www.unifesp.br/dpsiq/polbr/ppm/atu2_01.htm>. Acesso em: 10 jun. 2010.

GIANNETTI, Eduardo. **Auto-engano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MAROT, Rodrigo. **Transtornos somatoforme**: transtornos relacionados por semelhança ou classificação. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.psicosite.com.br/tra/sod/somatoforme.htm>>. Acesso em 17 jun. 2010.

MATHIESEN, Caroline et al. Mentira como obsessão. **Eclética**: revista dos alunos de jornalismo do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, Rio de Janeiro, ano 10, n. 21, p. 11-15, 2005.

MEMORIA VIVA. **Drummond**: alguma poesia: verdade. [2010]. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/drummond/poema072.htm>>. Acesso em: 03. set. 2010.

MICHAELIS: **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: companhia melhoramentos, 1998.

OLIVEIRA, Reynaldo Gomes. **Munchausen**: a síndrome. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.munchausen.com.br/asindrome.html>>. Acesso em: 11 jun. 2010.

SEMIRO, Lucas. **As melhores frases de Oscar Wilde**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

TEIXEIRA, Reinaldo Maio. Mitomania: tese de defesa. **Revista Jus Vigilantibus**, 19 ago. 2007. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/27687>>. Acesso em: 03 set. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

BLOCO 1: Questões gerais sobre a mentira.

1.1 Quais as principais motivações que levam uma pessoa a mentir?

1.2 Você acredita que existam mentiras que podem ser utilizadas para o bem? Se sim, em que situações.

1.3 Na sua opinião, ser um bom mentiroso pode ser considerado uma qualidade ou um defeito? Por quê?

1.4 Para você a mentira é encarada como algo grave, banal ou necessário na sociedade? Por quê?

BLOCO 2: Questões específicas sobre a mentira em sua área de atuação.

2.1 Você acha que a mentira existe ou é comum em seu campo de atuação?

2.2 Quais são os principais motivos para se mentir em sua área?

2.2.1 A mentira pode proporcionar facilidades? Se sim, quais?

2.2.2 A mentira pode ser utilizada como ferramenta de ascensão em sua carreira? Se sim, de que forma isso acontece?

2.2.3 Mentir pode oferecer ganhos financeiros? Se sim, como isso ocorre?

2.3 Na lógica de sua profissão, ser um bom mentiroso pode ser considerado uma qualidade ou um defeito? Por quê?

2.4 Se uma pessoa é flagrada em uma mentira dentro desta carreira, que complicações isso normalmente acarreta a ela?

2.5 Você considera que exista alguma “fama” relativa à mentira neste campo? Na sua opinião, isso procede?

2.6 Você acredita que em seu campo existem mais mentiras que em outros? Caso não, qual o campo que se mente mais?

2.7 É possível imaginar a sua área sem a mentira? Por quê?

BLOCO 3: Questões sobre os níveis de mentira em sua área de atuação.

3.1 Em seu campo de atuação, a mentira é algo grave, banal, ou necessário?

3.2 Neste campo prevalecem as mentiras “leves”, aquelas mais ingênuas e menos elaboradas, ou as mais comprometedoras, que são complexas e com consequências sérias?

3.3 Existem simuladores nesta área? (Explicar o conceito de simulação)

3.4 Existem fabuladores nesta área? (Explicar o conceito de fabulação)

3.5 A mentira esporádica é encontrada facilmente na sociedade, entretanto, você já conheceu algum caso próximo de mentira patológica em sua área? (Explicar o conceito de mentira patológica e mentira esporádica)